

CONTO

JOSÉ CARDOSO PIRES — *Histórias de amor.*

Com evidente preocupação do *difficil*, José Cardoso Pires prefacia as *Histórias de Amor*, dando-nos, ao mesmo tempo, certo aspecto da sua cultura.

A maioria dos leitores não encontrará mais do que frases. Na verdade, o autor confunde-se e confunde, levando-nos a pensar que aquilo que pretendeu dizer ficou com ele

ou, então, em virtude da maneira complicada com que quis expressar-se, *fragmentou a ideia*, ocultando-a sem dar por isso.

Algumas das suas frases são demasiado ousadas pelo que têm de composto ou ilógico:

«...mergulhado na teia freudiana»

«...nas intangíveis rotas do instinto ancestral»

«...dogmático de candura e despido de sinceridade afectiva»

«...uma ética do instinto»

«...mero trofeu hormonal»

«...a incrível correspondência que permanece de assintota a assintota da curva do instinto nos eixos coordenados das transformações sociais»

De maneira alguma fraseologia assim acredita a ciência do seu autor.

J. P. C. é um romântico. Nas *Histórias de Amor* sentimos sempre a sua presença — o indivíduo fugindo à realidade, recolhido no mundo livre do factício, incoerente, insatisfeito, incapaz de analisar as causas imediatas ou mediadas de certos fenómenos sociais. Despeitado, sentindo-se lesado nas suas prerogativas individuais, integrado na pequena burguesia, por uma questão de mentalidade e temperamento, *masquerado de realista*, apegado à sua *sinceridade subjectiva*, inventa ambientes, constrói personagens, fazendo passar a realidade por si mesmo, sem análises nem consciência científico-social.

Por isto mesmo, J. C. P. não é um escritor progressivo. A deformação da realidade é uma atitude evasiva, consciente ou inconsciente, mas sempre conservadora.

O autor não sai do seu sector social, e não consegue desfazer mistificações e levantar verdades. Além disto, J. C. P. parece-nos pouco experiente. Sabe-se que a correlação *experiência — criação* mede-se, mais ou menos, em todas as obras literárias. Criar fora da experiência, dá apenas obra artificial e fria, sem interesse humano. De maneira alguma um conto ou um romance podem ser a própria realidade, por questões fáceis de determinar, mas jevem *transmiti-la*, o melhor possível, dando-nos, com verdade, conflitos e reflexos sociais; personagens e ambientes historicamente certos, cientificamente vivos e humanos.

J. C. P. criou figuras frustradas, psicologicamente apenas pressentidas, e *inventou ambientes*. Não se impõem, nem *perduram*. Depois de lermos *Histórias de Amor* ficamos a impressão de obra vazia, mesmo vã. E, por irónico que pareça, em contraste com o título do livro, o amor foi coisa que não encontramos...

No entanto, J. C. P. tem boas qualidades de ficcionista. Não nos esqueçamos de *Estrada 43*, de *«Caminheiros e outros contos»*, uma boa paisagem humana, se bem que um tanto insuficiente. *A Rapariga dos Fósforos*, menos romantizada e mais normal, isto é, mais humana, seria quase um bom personagem. Mas não nos queira convencer com as figuras híbridas, de americano e lisboeta malandros, de *Ritual dos Pequenos Vampiros*, um exécravel conto sem o mínimo interesse.

Deixe J. C. P. de fazer frases bonitas — «o brilho seco das figuras de Bronzino ou dos frescos de Pompeia» (muita gente ficará na mesma)! «madona recortada em fundos ancestrais», e outras de igual quilate — tome consciência de determinados factos, objective a realidade, sem se introduzir demasiado nela (o seu caso particular, claro); adquira certos conhecimentos de carácter social, crie gente verídica, com dramas e problemas, enquadrada em ambientes verídicos, contacte mais de perto com o mundo dos outros, ganhe experiência e um pouco de humanismo... e escreva sempre, cada vez mais. J. C. P. será então um bom escritor.

Renato Ribeiro